

Os conflitos da identidade: as cartas de Benjamin Constant e a Guerra do Paraguai (1865-1870)

TIAGO GOMES DE ARAÚJO*

As cartas da guerra analisadas no presente trabalho podem ser consideradas como exemplos de “tecidos memoriais” que compõe as narrativas em torno da identidade (CANDAU, 2011: 77). Nesse sentido, o ato de escrever uma correspondência pode ser associado à elaboração de diários, memórias e reminiscências. O registro e o compartilhamento das experiências vividas num determinado espaço e época com outrem, mediante uma carta, possui também seu aspecto memorialístico, de seleção informativa, de inclusões e exclusões orientadas pela fluidez da memória.

A riqueza das correspondências íntimas trocadas entre sujeitos da guerra e seus familiares pode ser facilmente notada no conjunto de cartas¹ que Benjamin Constant Botelho de Magalhães² enviou ao sogro, aos irmãos e aos amigos, mas, especialmente à esposa.

A passagem de Benjamin Constant pela Guerra do Paraguai “foi relativamente curta e pouco expressiva do ponto de vista militar” (LEMOS, 1999: 11). Constant foi convocado em 25 de agosto de 1866, chegando em Montevideu em 13 de setembro e em Corrientes, na Argentina, no dia 02 de outubro do mesmo ano.

No total, Renato Lemos transcreveu e organizou sessenta e sete cartas referentes à atuação de Benjamin Constant no conflito platino. Esse corpo documental se caracteriza “como registro das experiências humanas” (Id, Ibid: 13). As correspondências “são uma porta nesta totalidade de inúmeros vetores individuais e

* Doutorado em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB). Vice-diretor do Centro de Ensino Fundamental INCRA 08 (SEEDF) e Professor das Faculdades IESA – DF.

¹ Renato Lemos publicou a obra **Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN/Museu Casa de Benjamin Constant, 1999. O autor foi responsável pela transcrição, organização e introdução do livro. Utilizamos como material as correspondências contidas nesse livro, além de valiosas informações biográficas e da participação de Benjamin Constant na guerra.

² Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu em Niterói em 1836, falecendo no início do governo republicano em 1891 na cidade do Rio de Janeiro. Foi oficial do Exército durante a Guerra do Paraguai, atuando no Corpo de Engenheiros. Foi professor na Escola Superior de Guerra, divulgando suas idéias positivistas. Esteve à frente dos ministérios da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos no governo de Deodoro da Fonseca.

coletivos: um homem e suas circunstâncias, da intimidade à vida pública. Resultam do olhar de um indivíduo no olho do furacão, aonde chegou por tortuosos caminhos subjetivos” (Id, Ibid).

As cartas íntimas de Benjamin Constant trocadas com seus familiares apresentam sugestivas temáticas para a abordagem da Guerra Grande. Suas linhas são atozes no ataque aos encaminhamentos e rumos do conflito. A linguagem utilizada é feroz nas críticas que dispensou aos comandantes, inclusive ao Duque de Caxias, responsabilizados pela longevidade da contenda.

Benjamin Constant já havia constituído família quando foi convocado para a luta, deixando a esposa grávida e uma filha pequena sob os cuidados de seu sogro. Maria Joaquina, sua amada, preocupada com o marido e sua saúde, toma uma decisão desesperada, viaja ao Paraguai para buscar Constant e trazê-lo ao Rio de Janeiro para tratar de sua doença. Fato concretizado no início do mês de setembro de 1867.

Renato Lemos acredita que Benjamin Constant, “como combatente, mostrou-se essencialmente envolvido pelo clima de patriotismo e pela febre anti-López que se disseminava entre os brasileiros como elemento de mobilização nacional” (Id, Ibid: 14).

A variedade temática das correspondências de Benjamin Constant sobre os embates platinos é digna de menção. Entre 13 de setembro de 1866 e os primeiros dias de 1867, o escritor enviou aos seus familiares suas múltiplas impressões sobre o conflito.

As práticas cotidianas dos beligerantes e sua influência sobre a vida dos combatentes ganhou destaque nas cartas de Constant. Vejamos a opinião de Renato Lemos sobre as possibilidades analíticas desse corpo documental para o estudo da guerra do Paraguai.

As preocupações pessoais manifestadas nas cartas são, da mesma maneira que os juízos sobre a guerra, a expressão do processo de definição de um papel individual em meio a uma turbulenta quadra nacional. A experiência com as elites militares e políticas é filtrada por esse movimento subjetivo. É o que transparece, por exemplo, no julgamento que Benjamin Constant, como seus amigos, fazia do Marquês de Caxias, que comandou as forças brasileiras durante sua estada no Paraguai. O já consagrado líder militar teve seus méritos profissionais, políticos e pessoais negados de maneira absoluta. Covarde, incompetente, corrupto e corruptor são alguns dos epítetos que lhe são lançados nas páginas das cartas (Id, Ibid: 14).

Ainda no trecho seguinte, Renato Lemos insiste em revelar a pertinência das correspondências de Constant.

As cartas são, um produto histórico que se atualiza. Nelas, Benjamin Constant surge na plenitude de seu tempo social, flagrado num momento total cuja importância para os rumos da formação social brasileira não se reduziria ao impacto na conjuntura. Elas enfatizam a dimensão individual inconsciente desse processo social e político. Seu autor, ainda um modesto professor com ambições de ser reconhecido como cientista, não se encontrava engajado em qualquer atividade coletiva, privada ou pública, que o vinculasse à significação que, posteriormente, seria atribuída à Guerra do Paraguai como fato fundador do Exército nacional. Entretanto, mesmo que em seu texto não se encontre uma narrativa desse momento, há nele indicadores da maneira como o processo massivo se desenrola no plano individual: a experiência com outros povos e formas de organização social e política, o contraste de valores, as relações de subordinação e lealdade entre soldados e líder nacional, a construção de uma imagem do inimigo, o desprendimento do serviço da Nação (Id, Ibid: 17).

Renato Lemos nos mostra as variadas possibilidades temáticas das cartas de Benjamin Constant. A partir de agora, apresentaremos alguns trechos das correspondências e sua potencialidade como documentos históricos, perseguindo de perto os indícios constitutivos da identidade brasileira no conflito platino.

As críticas desferidas contra os rumos da guerra são marcantes nas correspondências de Benjamin Constant, especialmente quanto à inatividade e longevidade do conflito, contra os processos decisórios dos comandantes e as condições insatisfatórias dos serviços logísticos e de abastecimento, além de comentários sobre a presença de doenças e enfermidades nos campos de batalha.

A guerra está para acabar e eu não estou em comissão onde a vida corre perigo. Espera-se hoje o Marquês de Caxias com todo o seu estado-maior. Os aduladores andam assanhados, pulam de contentes, preparam frases lisonjeiras, etc. Os homens de bem andam aborrecidos e vexados (CONSTANT apud LEMOS, 1999: 62).

A carta anterior foi datada de 17 de novembro de 1866, onde o autor revelou alívio, pois não se envolveu diretamente nos combates corpo a corpo. Constant indicou expectativa com a chegada de Caxias ao *front*, reclamando do excesso de zelo e respeito dispensado a seu chefe.

A crença de Constant no ligeiro desfecho dos embates não se concretizou. Na correspondência de 23 de janeiro de 1867, direcionada ao seu sogro, o autor apresentou opiniões contrárias ao modo como as ações bélicas estavam sendo conduzidas.

A guerra aqui continua nas mesmas bases, com pouca diferença. É verdade que já não se pode, com rigor, repetir a mofina velha e enjoativa: – o Exército ocupa as mesmas posições –, porque anteontem duas companhias do 6º Batalhão entraram pela mata duas pequenas trincheiras inimigas. Avançamos pois mais um bocadinho. Agora vamos descansar e dar tempo ao inimigo que se fortifique para avançar mais um bocadinho (cavalheirismo Brasileiro). O que me parece mau é que neste passo de tartaruga os nossos soldados e oficiais vão desaparecendo debaixo do fogo das guerrilhas e tiroteios das avançadas, pois os Paraguaiois ocultos na mata atrás dos paus vão zombando da bravura com que atacamos a peito descoberto. Mas quem sabe se nisto não entra algum plano importante e transcendente? O Conde de (sic) Eu está tratando da organização do Exército e vai acabar com a forma (realmente má) de nosso sistema de recrutamento e substituí-la pela conscrição – realmente a conscrição é atualmente incompatível com a organização deste nosso Exército, talvez que por isso procurem acabar com ele atirando-o gloriosamente ao combate. Na verdade tenho visto e sabido por aqui de tanta coisa nada pode causar admiração. Manda-se tocar retirar quando o Exército tem transposto as trincheiras inimigas (16 de maio e 18 de maio). Veja que é a coluna cerrada a disposição mais predileta para atacar os pontos fortificados avançando-se sobre bocas de fogo que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas, lanternetas, etc. (brilhante feito de Curuzu e Curupaiti), que a infantaria foge espavorida ao grito de – aí vem cavalaria – que substituí o grito aterrador do Conde Lipe imaginou (vê-se disto todos os dias) (tática em ação), o acampamento de um corpo de uma divisão com o flanco ou a retaguarda para o inimigo (castrametação³!), um exército invasor que não quer que se provoque o inimigo recebendo sempre em 1º lugar o fogo do inimigo invadido e respondendo com acanhamento por ordem superior (energia), um marasmo completo nas operações de uma guerra ofensiva; porém um imenso rebuliço de paradas, formaturas quando passar o general, cortejo no dia de gala S. Exa. o – Imperador de Comissão – (adulação? não! Tributo ao mérito!) (Id, Ibid: 91-92).

As queixas contra a lentidão nos andamentos táticos dos combates são patentes. A narrativa é minuciosa no que se refere às relações sociais cotidianas no *front*. Ainda em 23 de janeiro de 1867, Constant informou as dificuldades experimentadas pelos participantes dos combates.

³ [De castrametar + ção] S.f. 1. Escolha e levantamento de terreno para fortificação ou acampamento. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 366.

Dois exércitos que saíram dos povos que mais se odeiam, que se hostilizam no mesmo campo de batalha negando pão e água um ao outro em presença do inimigo (exércitos aliados!), ordem para que os oficiais não usem de suas divisas em dias de combate (bravura!), um fornecedor vendendo os gêneros ao Exército por um preço excessivamente maior do que se poderia obter de qualquer outro a até dos pequenos comerciantes que acompanham o mesmo Exército ... (economia!), navios que navegam muitos dias de um ponto para outro sem saber ao certo onde devem deixar o carregamento que afinal se estraga, ou não chega a tempo (previdência), encarregados de depósitos de fardamento e material que vivem descansados e à larga deixando que tudo apodreça ou leve descaminho (atividade e zelo!), oficiais que se escondem atrás dos paus e até fazem buracos no chão para esconder-se nos dias de combates e bombardeios (temos muitos aqui entre nós, Drago, por exemplo) outros que nem vêm cá (condenados por serviços prestados à guerra) e outros que praticam atos de verdadeiro heroísmo completamente esquecidos (atos de justiça!), comandantes os mais bravos, os mais pichosos e desmoralizados (oficialmente) em frente a seus comandados só porque um soldado não estava com as calças bem engomadinhas (como aconteceu aqui com alguns comandantes da 1ª Divisão, os mais distintos do Exército) (animação!), etc., etc., etc. (Id, Ibid: 92).

O espaço da guerra como ambiente de ganhos particulares foi evidenciado. Para Constant, os atos considerados heroicos nem sempre eram valorizados na medida em que seus protagonistas julgavam merecer.

A irregularidade dos serviços de abastecimento foi notada pelo escritor. Para ele, os negociantes nem sempre realizavam suas operações de compra e venda de maneira honesta, prejudicando o abastecimento das tropas. O armazenamento dos gêneros alimentícios não era feito de maneira adequada, causando desperdício.

Divalte Garcia Figueira (2001) em **Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai** analisou bem a atuação de comerciantes no *front*, apontando a falta de controle e fiscalização dos aliados no momento da contratação de empresas ou indivíduos aptos ao abastecimento das tropas.

Esse contexto trouxe dificuldades na distribuição de víveres e armamentos, além de fomentar práticas corruptivas e de especulação econômica: “vim do Exército sem trazer um vintém e tudo aqui é caríssimo” (Id, Ibid: 158). Os comerciantes argentinos foram os maiores beneficiados, pois controlavam a maior parte dos negócios relacionados à guerra (FIGUEIRA, 2001).

Na carta de 23 de janeiro de 1867, Constant lamentou a covardia de alguns beligerantes que fugiam da luta escondendo-se em trincheiras. A relação nem sempre

amistosa dos chefes com seus comandados foi vista como comportamento exagerado e, portanto, dispensável.

Já em 09 de março de 1867, Benjamin Constant revelou à esposa o desejo de regressar ao Brasil e desfrutar do convívio familiar, não acreditando mais num desfecho ligeiro da guerra. Abaixo o autor confessou a sua amada a vontade de preferir um futuro estável e menos doloroso.

Se esta malvada guerra ainda durar ainda muito tempo pedirei alguns meses de licença para ver-te e abraçar-te e talvez então possa trazer-te, arranjando algum emprego em alguma destas cidades, onde me demore enquanto não houver combate; além disso, creio, e é convicção geral, que não teremos nenhum ataque sério. Portanto para que te hás-de entregar tanto a este mau (Id, Ibid: 116).

Num misto de saudade e arrependimento, Constant apresentou sua visão da guerra como um ato irracional em nome de uma causa desprezível: “esta infeliz guerra pouco tempo pode [durar] o inimigo está mais que fraco e o nosso [país] mais que cansado de sacrifícios de gente e de dinheiro” (Id, Ibid: 168).

Uma das temáticas mais significativas das correspondências de Benjamin Constant é a maneira como se referia à atuação de Caxias como comandante-geral do Exército Brasileiro: “mas o nosso fofo general despreza o que tem nas mãos porque se não lhes reconhece o valor. A posição elevada que tem o Marquês, o prestígio imenso de que está rodeado o seu nome são mais que um fenômeno inexplicável, incompreensível, é uma verdadeira aberração de todas as leis sociais” (Id, Ibid: 120).

Caxias foi constantemente lembrado pelo autor como principal culpado pela longevidade e inatividade do conflito. Para Constant, Caxias não era merecedor de tanta pompa e circunstância, não vendo nele, qualidades importantes que pudessem justificar tantas homenagens e congratulações.

Constant registrou significativa quantidade de reivindicações e críticas contra seus chefes. No trecho abaixo, num fragmento sem data, o escritor utilizou-se duma linguagem feroz quando se referiu ao seu comandante.

Mas o Marquês surge sem mérito no meio da sociedade em que vivemos, eleva-se triunfante e majestosamente acima dela assumindo por uma escala

ascendente todas as posições as mais importantes do Império, que só deviam pertencer e servir de passos aos homens de verdadeiro mérito, de verdadeiro prestígio. E nessa ascensão que já elevou à cúpula do edifício social que já o elevou às grimpas das mais altas e mais importantes regiões do poder, acompanham-no os votos de quase toda a nação, os aplausos e a admiração dos homens mais ilustrados do país e ao mesmo tempo o próprio e esses próprios homens que o deram conhecem-lhe a inaptidão, falam bem claro de sua falta de mérito. Nisso está a aberração. Que é dos feitos desse homem? Como orador na tribuna que é dos seus discursos? Na imprensa que é dos planos estratégicos que tem dado ou posto em execução, que é de sua perspicácia? General pacificador por excelência o temos visto sempre em frente ao inimigo ou aos revoltosos nos últimos paroxismos de sua resistência, já fracos e impotentes, tomar posição à distância respeitosa com a mão esquerda acenar-lhes de longe com a outra mão com as baionetas de que dispuser mas com a bolsa recheada, com o cofre das graças das posições oficiais, com o suborno, com a prostituição. Será devido a esta leveza de serviços, de mérito, de prestígio, que ele tem subido (Id, Ibid: 121).

Renato Lemos esclarece que a oposição entre Constant e Caxias se devia, “em parte pelo menos, à importância que Benjamin Constant e seus amigos, quase todos positivistas e de origem social modesta, davam ao mérito como critério de reconhecimento numa sociedade dominada pelo clientelismo” (LEMOS, 1999: 15).

O fato de não conseguir sua nomeação para a vaga de professor a qual fazia jus, porque tinha obtido aprovação em primeiro lugar em concurso realizado, fomentou o espírito revanchista de Constant. Para o autor, sucesso e glória na vida profissional deveriam ser conquistados mediante competência e qualidade, e não por meio de beneficiamento político-partidário.

Outro elemento que pode ajudar a explicar a ojeriza que Constant alimentou contra Caxias foi a diferente concepção que aqueles dois profissionais do Exército tinham sobre a vida militar. Constant apregoava a importância do soldado-cidadão, pela qual negava-se a noção de obediência passiva, fundamento da disciplina e da hierarquia nas organizações militares. Caxias, ao contrário simbolizava o oficial disciplinado e disciplinador transformado em “Patrono do Exército”, em 1926 (Id, Ibid: 14).

Além dos reclames contra Caxias, Benjamin Constant também questionou a aliança brasileira com os argentinos. As intensas críticas ao modo pelo qual argentinos e uruguaios atuaram no conflito são claras. Constant defendia que a guerra já seria protagonizada somente pelo Brasil, pois a presença de efetivo dos aliados era menor se comparada ao aspecto humano, material e logístico dos momentos iniciais da guerra.

Que desgraçada aliança! Estes aliados! Creia que são muitos mais nossos inimigos do que os próprios Paraguaiois porque não há maior inimigo do que aquele que finge ser nosso amigo. Sabe quantos homens compõem hoje os dois exércitos Argentino e Oriental... Mil e duzentos! Sendo 250 Orientais e novecentos e tantos Argentinos! E chamam a isto – Exércitos aliados! Ora realmente o Brasil não podia enlamear-se mais do que o tem feito nesta desgraçada guerra. É o único que concorre com todos os sacrifícios e despesas da guerra, que fornece pessoal, armas, munições de guerra e de boca, dinheiro, etc. e no entanto todos os jornais Argentinos e Orientais são unânimes em ultrajá-lo continuamente, em promover-lhe toda a sorte de embaraços e atribuir aos aliados o pouco ou nada que temos feito. Esta aliança, longe de diminuir o ódio de raça que existia entre o Brasil e estas miseráveis repúblicas tem servido ao contrário para dar-lhe maior desenvolvimento. Deus queira antes de voltarmos ao Brasil tenhamos de rasgá-la aqui no campo de batalha (Id, ibid: 163).

Sua revolta se voltou também contra o Paraguai, que qualificou como “país ingrato” (Id, Ibid: 52). Apesar de reconhecer o valor e o destemor dos beligerantes paraguaiois.

No combate os Paraguaiois mostraram que são valentes e dedicados ao López, [morrem] mas não se rendem. Num pequeno [encontro] que houve no dia seguinte vi quanto [são bravos] e fanáticos pelo – El Supremo [Gobierno] – estas desgraçadas vítimas do [despotismo] de López. Deu-se o seguinte: um piquete Paraguaio composto de 10 soldados ao comando de um oficial foi completamente cercado, por um [corpo] de cavalaria do Osório, fecharam e apertaram o círculo e o comandante disse-lhes que se rendessem que não seriam [mortos]. As lanças e as espadas de nossos soldados refletiam aos raios de sol e em cada [uma] viam eles pintada a morte que os [esperava] se tentassem resistir ou se não [se quisessem] entregar; mas no meio daquele círculo de espadas que se apertava cada vez mais, diante da morte, aqueles heróis não se esqueceram do juramento prestado ao seu despótico chefe, [não se esqueceram] das ordens recebidas; este juramento, estas ordens tinham para eles mais valor que [a vida,] responderam que não se entregariam porque não tinham ordem do superior governo; repetia-lhes o comandante da nossa força que então iam ser mortos; [-] responderam com a maior calma – [morreremos] pois – e o comandante agitando a bandeira e dando reviravoltas com ela gritava – não se [rendam] ustedes, sejam os Paraguayos asta (sic) em la tumba (Id, Ibid: 192).

A luta contra um inimigo valoroso e combativo era interpretada como ação patriótica. A vitória conquistada com dificuldade ganhava importância na “defesa opor-lhe heróica resistência; salta todos os fossos” (Id, Ibid: 56). Nesse caso, os heróis eram “todos aqueles que honraram a nação, qualquer que seja sexo ou cor da pele” (ENDERS, 2000: 44).

Para Armelle Enders, o conflito platino “fornecia batalhões de glórias militares, de mortes prematuras e trágicas, de mártires para a pátria e para o imperador” (Id, Ibid: 58). Como os “primeiros servidores da nação” (Id, Ibid) os personagens da guerra se converteram em motivo de “várias encomendas oficiais a fim de fixar a posteridade os grandes momentos do Exército e da Marinha imperiais, associando-lhes alguns semblantes” (Id, Ibid).

Nas cartas de Benjamin Constant, o heroísmo pode ser visualizado como uma ação relacionada ao patriotismo “é necessário fazer o sacrifício que o país exige de mim” (CONSTANT apud LEMOS, 1999: 65). Na correspondência de 25 de dezembro de 1866, a associação entre sofrimento e dever cumprido foi informada.

e freqüentes e que soube livrar-se desses escolhos e seguir sempre firme e desassombrado o caminho do dever, que não tem tido nem um só [...] que sempre [...] a mocidade, que só tem encontrado o prazer no trabalho e sacrifícios que faz por sua família, que tem por orgulho seguir e respeitar os sagrados princípios [...] da honra e que finalmente não tem tido (em toda a sua vida) um só instante de verdadeira felicidade ao menos essa felicidade (Id, Ibid: 82).

A guerra entendida como flagelo dos povos é recorrente nas cartas de Benjamin Constant “quantos moços de esperanças tenho visto morrer” (Id, Ibid: 64). O desperdício da vida, a distância dos entes queridos e a falta de reconhecimento e justiça foram igualmente registradas: “deves saber o quanto me tem custado passar aqui, estando tão distante de ti e em circunstâncias de praça de pré, que não recebe soldo e sim uma tira de couro de boi para sua vegetação” (Id, Ibid: 90).

Tenho tido muito fastio em todos os dias e ando a cair de sono, passo as noites todas em claro e durante o dia poucas são as horas que tenho desocupadas e nessas o calor e moscas não me deixam dormir, passo por um pequeno sono que não substitui o sono da noite (Id, Ibid: 112).

Em meio a cenário desolador, Constant acalentava-se quando recebia notícias de sua família e encontrava tempo para narrar e descrever sua faina “eu aproveito qualquer descanso que tenho para escrever-te” (Id, Ibid: 149). Na correspondência de 3 de

outubro 1866, Constant se mostrou exultante e emocionado com a leitura das informações recebidas.

Ao ler tua cartinha, as lágrimas corriam-me sem que eu sentisse. Um major meu companheiro e amigo que estava ao meu lado foi quem me despertou perguntando-me se tinha recebido más notícias. O homem acostumado ao infortúnio e ao sofrimento não estava preparado para esse lampejo de felicidade. Poderias encontrar um homem que te fizesse muitíssimo feliz, mas nunca havias de achar um que te amasse mais do que eu. Também nada mais te posso oferecer e a meus filhos que uma profunda e sincera amizade e uma vida sem mancha. Li e reli muitas vezes a tua carta, beijei o teu retrato e apertei-o muitas vezes contra o peito, era o único lenitivo que encontrava, neste lugar ingrato, à saudade que me roía (Id, Ibid: 46).

Os extemporâneos instantes de felicidade foram explicados em meio ao sofrimento que a guerra causava no coração de Constant. Na carta de 25 de dezembro de 1866, o escritor reconheceu que as dificuldades poderiam ser encaradas com certa positividade.

Eu, posto que sofra com ela, sinto-me enobrecido e feliz. Sinto com prazer que os trabalhos, os sofrimentos e desgostos de toda espécie que me têm perseguido, a luta aberta e desesperada em que tenho estado com a severa adversidade não tem em aniquilado. Ao contrário, me tem dado mais e mais sensibilidade, mais pureza (Id, Ibid: 81).

Apesar de reconhecer a importância do conflito para seu crescimento pessoal, Benjamin Constant reposicionou e relativizou os sentimentos geradores de participação no conflito: “falei-lhe com toda a franqueza sobre minha questão capital que neste caso é [...] boa comissão” (Id, Ibid: 32).

Motivação privada, o combustível de sua permanência nos campos de batalha era o “prazer” em “receber uma carta tua, dando notícias de ti, minha filhinha, de nossa família, enfim de nossos amigos”, no país que considerava “nojento” (Id, Ibid: 60).

Na passagem a seguir, de 06 de março de 1866, as motivações privadas e patrióticas se confundem. O sentimento patriótico e a defesa da honra e dos valores pessoais se misturam numa imagem de Brasil multifacetada, onde os interesses particulares e coletivos interagem.

Eu troco pela felicidade de estar contigo e com toda a nossa família todas estas fofas glórias do mundo. Não sou suscetível destes vãos entusiasmos. Cumpro o meu dever como militar e hei de cumpri-lo simplesmente para estar bem com a minha consciência, nada mais tenho em vista, porque não posso e não devo ser militar com a numerosa família que tenho e pelos recursos que dá esta desgraçada classe em nosso país. Tenho me exposto [já] muito e [muito] que ninguém suponha que fujo ao perigo e felizmente ninguém há que ponha isso em dúvida (dos que por cá estão), mas digo com toda a franqueza que tenho as nossas coisas, o abandono criminoso em que são deixadas e o nenhum resultado de que disso se tira para o militar ou para o país. A história imparcial há-de um dia analisar com honestidade justa todos estes medonhos episódios e o crime que têm aqui cometido o nosso governo, os nossos diplomatas e os nossos generais, excetuando os muito novos (Id, Ibid: 125).

O trecho anterior indica um combatente que demonstrava rancor contra os desígnios da guerra. A luta não ganhava validade e justificativa nas linhas de Benjamin Constant. Seus sentimentos patrióticos ora o estimulava, ora não.

A intensidade das relações sociais cotidianas é traço marcante da narrativa epistolar de Benjamin Constant. Certeau reforçou o caráter performativo das práticas cotidianas (JOSGRILBERG, 2005: 101). Nesse sentido, a análise das ações diárias dos indivíduos e dos grupos se torna uma sugestiva possibilidade teórica-metodológica, pois apresenta a “natureza não saturada do social” (Id, Ibid: 103).

O espetáculo da guerra fluía no dia a dia do “fogo de fuzilaria que é incessante e nos vai dizimando, há quase todos os dias alguns tiros de canhão. No dia 30 de outubro sofremos aqui um bombardeio que atirou sobre nossas avançadas perto de 200 bombas e granadas” (CONSTANT apud LEMOS, 1999: 65).

Na correspondência de 19 de dezembro de 1866, o autor ergueu as cortinas da guerra, nos brindando com um cenário bélico da luta de homens contra homens, que outrora aliados, se transformaram em inimigos.

Tenho trabalho muitíssimo, minha boa amiguinha, não podes imaginar a vida desgraçada que passa um militar em campanha. Dorme-se muitas vezes ao relento, chova ou não. O calor é aqui tão excessivo que não sei como tenho resistido a ele. Ninguém se pode meter debaixo de uma barraca, é preferível apanhar o sol no meio do campo. Há aqui moscas numa quantidade sem ser a comida temperada com centenas de moscas. Ao princípio repugnava-se e tapava muitas vezes a xícara de café com um papel e levantava um pouco para poder pôr a boca e beber, mas juntavam-se nos cantos em tal quantidade que não havia remédio senão beber sempre com moscas. Quando há por aqui alguma trovoada forte, ficam satisfeitos porque nesse dia as moscas desaparecessem. À noite, quando se acende uma vela

nas barracas, aos mosquitos, que são desesperados, juntam-se as moscas, que ficam alvorotadas, e então a barraca transforma-se num verdadeiro inferno. A água que aqui se bebe é a pior possível. Faz-se um buraco no chão e bebe-se a água cor de lama que se obtém. No antigo acampamento estas poças se faziam à beira dos pântanos e charcos onde se via uma porção de cavalos, bois e Paraguios podres. Custei muito a me habituar com essas imundícies, mas não houve remédio e já estou familiarizado com a porcaria e com este viver todo especial pelas privações que se sofre. No entanto, não tenho passado mal de saúde (Id, Ibid: 72).

O único pensamento que ainda estimulava o autor diante do “estrondar do canhão, ao [quebrar] da metralha” era a lembrança da família: “pensarei em ti, meu anjo, pedirei a Deus que se lembre de ti, de minhas filhinhas e de minhas irmãs e Mãe” (Id, Ibid: 147).

Benjamin Constant reforçou que as imagens mentais de seus entes queridos funcionavam como refúgio perante as agruras da guerra. O autor afirmou que seus irmãos de armas utilizavam esse mecanismo como meio de diminuir a saudade de suas terras e de suas famílias.

Conversamos pois sobre nossas famílias, sobre as saudades que nos vão ralando a alma, sobre nossos filhos, sobre nossas mulheres, sobre nossas crenças um pouco fora do vulgar, etc. Assim passamos algumas horas entretidos. Se isto se dá em companhia de um amigo, quanto mais em companhia de uma esposa amiga, que é mais que o maior amigo que se possa ter? (Id, Ibid: 140).

As rotinas diárias do conflito nos sugerem a pertinência do cotidiano como espaço de “organização do tecido social” (JOSGRILBERG, 2005: 109). O dia a dia se apresenta a partir da vivência dos homens e mulheres na guerra, nos sofrimentos vividos, nos raros instantes de liberdade.

As correspondências escritas no calor das batalhas podem ser entendidas como artefatos de memória, pois apresentam as lembranças dos atos mais significantes da participação do autor no conflito.

Se para Certeau (2007: 163) “memória é tocada pelas circunstâncias” e possui sua dimensão “deslocável, móvel, sem lugar fixo”, podemos perceber a constante negativização que Benjamin Constant extraiu do contato com enfermidades e doenças durante sua experiência no *front*.

Para cúmulo de infelicidades, o estado sanitário do Exército é mau, vai se tornando cada vez mais pior. Os hospitais regurgitam de doentes e são já suficientes para contê-los. Quando baixarem as águas que com as enchentes dos rios inundam todos estes campos, começarão as febres intermitentes, tifóides e outras, a sua devastação. As febres intermitentes já começam a aparecer; mas enquanto não alcançam seu máximo de intensidade, outras epidemias vão se entretendo com o nosso Exército. Entre elas há uma que veio surpreender a medicina, que em sua previsão não podia nem sonhar, e que não tem encontrado entre seus recursos meio de combatê-la. O indivíduo que é atacado por esta enfermidade trata logo de pôr-se bem com Deus, porque sua morte é certa (CONSTANT apud LEMOS: 94).

Enquanto “atos de memória” (CANDAU, 2011:35) definidos numa área de “circulação de lembranças” (Id, Ibid) a morte espreitava os combatentes numa implacável perseguição. A proximidade do fim gerava temores “apanhei uma fortíssima febre que quase me leva para a outra vida” (CONSTANT apud LEMOS: 165). Constant foi contagiado por doença que o obrigou a solicitar licença, voltando ao Rio de Janeiro em setembro de 1867 para tratar-se, não voltando a atuar na guerra.

Constant acreditava que o serviço de saúde não era eficiente, causando grande parcela de perdas humanas. Em carta de 03 de fevereiro de 1867, o autor nos forneceu um quadro nada animador dos cuidados médicos dispensado às vítimas da Guerra que também foi Grande nesse quesito, número de mortos.

Disse algumas verdades que nada têm de boas e ainda hoje tive com o chefe do corpo de saúde, alguns médicos e o diretor do hospital uma forte questão sobre o modo desumano e mais que bárbaro por que aqui são tratados os infelizes doentes e feridos que já se ia tornando séria. Teve ela [origem] numa representação formal e enérgica que fiz contra a maneira por que aqui se transportam os doentes de um para outro hospital em padiolas descobertas ao calor abrasador nas horas mais quentes do dia e a grandes distâncias. Corta o coração ver-se os pobres soldados e oficiais ardendo em febre ou feridos por balas, cortados por metralhas, cortando os ares com dolorosos gemidos, pedindo água, comida, etc., e vê-los assim atirados sobre o convés de navio onde passam um e dois dias sem ter um pão para comer. É o espetáculo mais desumano que se pode imaginar (Id, Ibid: 96).

Outro tema presente nas cartas de Benjamin Constant é a relação do homem com a natureza. Em 05 de setembro de 1866, o autor indicava que para além das dificuldades

cotidianas que a guerra causava, a natureza e sua lógica indefinida traziam transtorno para os beligerantes.

Tivemos uma péssima viagem, apanhamos um grande temporal que nos pôs por muitas vezes em risco, o vapor jogava desesperadamente e o mar jogava sobre ele montanhas de água que o lavavam de popa a proa. Os pobres soldados foram os que mais sofreram (Id, Ibid: 24).

O autor mostrava a sua esposa a interferência do tempo natural na vida cotidiana dos atores da guerra. Quando embarcado num navio em direção ao *front*, Constant comentou: “apanhamos um horrível temporal acompanhado de chuva de pedra e fartei-me de enjoar. Estive quase sempre deitado no camarote, porque estou muito abatido e com enjôo e além disso o vento frio e úmido não consentia ninguém no tombadilho” (Id, Ibid: 80).

Se as dores proporcionadas pelos combates corpo a corpo, pela presença de doenças e epidemias no *front* desequilibravam o ânimo de Benjamin Constant, a natureza e suas intempéries não deixavam de agonia-lo também. Na correspondência de 29 de março de 1867, o escritor detalhou a ação do meio ambiente sobre o cotidiano dos indivíduos em guerra.

O Paraná afogou ontem três pessoas, um cadete que ia levar mantimentos ao hospital numa canoa que virou em consequência do muito vento que fazia e duas pobres mulheres de soldados Brasileiros que disputavam à beira do rio por causa de uma ponta de pedra em que ambas queriam lavar, atracaram-se, caíram ambas no rio que as engoliu, arrastando-as em sua impetuosa corrente. Fatos semelhantes são por aqui muito frequentes (Id, Ibid: 137).

A natureza pode ser pensada como mais um traço da memória dos combatentes na Guerra do Paraguai. A interveniência ambiental no cotidiano bélico reforça “a articulação de uma memória com uma oportunidade (ocasião)” (JOSGRILBERG, 2005: 75-76) conduzindo necessidades representacionais guiadas por elementos identitários informados por uma “caminhada interminável” (Id, Ibid).

Candau citando Cassirer reforça que as representações podem ser pensadas de duas formas distintas mas complementares: 1) factuais que são relativas à existência de

certos fatos, e, 2) semânticas, relativas ao sentido atribuído aos mesmos fatos (CANDAUI, 2011: 39).

No caso do estudo das cartas produzidas nos campos de batalha, a identidade brasileira pensada como representação possui uma dupla dimensão: 1) a factual porque produzida a partir das vivências cotidianas e apegada à descrição dos comportamentos e das atitudes, e a 2) semântica, enquanto discurso possivelmente aglutinador de lembranças preocupadas em reforçar ou rechaçar os traços constitutivos da brasilidade.

Maria Inês Mancuso (2006: 66) tentou relacionar os conceitos de memória, representação e identidade, afirmando sua indissociabilidade enquanto lentes observadoras do passado. Citando Durkheim, a autora afirma que quando são produzidas representações, elas afetam “além dos órgãos, o próprio espírito, isto é, as representações presentes e passadas” que a constituem, “desde que se admita, como nós que as representações passadas subsistem conosco”.

As representações sociais podem constituir sentimentos de pertença em espaços de fabricação e construção de identidades, pois “fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros [...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta, de negociação, de transformação em função dos outros” (Id, Ibid: 67).

Representações e identidades em confronto dialógico conseqüentemente se relacionam com a memória quando refletida a partir de sua potência criadora. Mancuso citando Pollak reafirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”(Id, Ibid).

O estudo da identidade nacional brasileira na Guerra Grande deve priorizar a constituição multifacetada do pertencimento ao Brasil. Se o esforço governamental em agrupar os mais variados interesses em prol da defesa nacional se mostrava claro, a multiplicidade de condutas divergentes aquele intuito também deve ser considerada.

A coesão e unidade do Brasil Imperial confrontadas com realidades sócio-históricas plurais se desfazem perante o conflito. Nesse sentido, o estudo da Guerra do Paraguai é valioso no sentido de colaborar para possíveis entendimentos das nuances

que cercavam a elaboração, a construção, o fortalecimento ou mesmo a relativização da identidade nacional brasileira.

As cartas da guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai organizadas e transcritas por Renato Lemos sugerem, portanto, que as imagens e representações de Brasil apregoadas e desenvolvidas no cotidiano bélico nem sempre satisfaziam o desejo e a vontade dos combatentes, gerando possíveis distanciamentos com relação às ideias de Brasil uno e coeso, capitaneadas pelo governo imperial.

Portanto, a série de cartas íntimas produzidas por Benjamin Constant no período de 05 de setembro de 1866 a 13 de setembro de 1867 é sugestiva para a análise das condições nas quais se apresentava a adoção de sentimentos de pertença ao Brasil.

As críticas ao andamento da guerra, sua longevidade e inatividade, as queixas contra as ordens indecisas de seus comandantes, os comentários sobre as relações sociais cotidianas vivenciadas no *front*, as opiniões dos comportamentos e atitudes paraguaias e de seu presidente, menções acerca de sentimentos aparentemente patrióticos, as motivações circunstanciais que moveram o autor à luta, os sofrimentos e as dificuldades causadas pela presença de doenças e epidemias nos campos de batalha, além da força ambiental nos desígnios do conflito foram temas abordados por Benjamin Constant.

Nossa busca se deu em torno da reconstituição dos trajetos, por vezes contraditórios, entre Nação e Estado como estereótipos complementares, pois “uma depende da outra para exteriorizar-se, mas ao mesmo tempo, se negam uma vez que ora a nação busca revolucionar o Estado, ora é o Estado que limita e constrange a coletividade nacional” (OLIVEIRA, 2009: 246-247).

A Guerra do Paraguai foi mais uma instância histórica onde se inter-relacionaram anseios individuais e coletivos. Nem sempre os desejos de utilização do conflito como elemento identitário encontrou absoluto esteio nos campos de batalha. Por isso, a identidade brasileira na guerra deve ser pensada com relativa reserva, pois se antes o Estado modificou mentes e corações na guerra também provocou dúvidas e questionamentos quanto às suas bases constitutivas.

As correspondências íntimas da guerra apresentam a construção da identidade nacional brasileira como um movimento orquestrado e estratégia que favorecia

solidariedades e mobilizações que se engendraram um “processo permanente de eliminação e escolha” (GEARY apud CANDAU: 47).

Portanto, procuramos mostrar nas cartas de Constant os indícios de uma identidade nacional, que para longe de ser naturalizada, atravessou a guerra como lampejos, mal nascia e já retornava à noite e amiúde ao esquecimento.

REFERÊNCIAS

- MANCUSO, Maria Inês R. Memória Representação e Identidade. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; LUCENA, Célia Toledo (orgs.). **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Estado nação e escrita da História: propostas para debate. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Soldados e negociantes da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP; FAPESP, 2001.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LEMO, Renato. **Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999.
- ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. **Estudos Históricos**, São Paulo, 2000.
- JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau**. São Paulo: Escrituras, 2005.